

LITERATURA

Senador José Sarney lança dois novos livros, um de poemas e outro de crônicas, e diz que o romance é um gênero em crise. Para o escritor maranhense, só a poesia, resultado de um gesto solitário, tem chances de sobreviver

Poeta da solidão

Paulo Paniago
Da equipe do Correio

Há longo corredor de muitas portas quando se chega ao sexto andar do Anexo I do Senado Federal. Todas as portas têm um mesmo dono, o senador José Sarney. Dentro, o ar-condicionado está ligado no máximo. É preciso atravessar a muralha de assessores, todos ocupados em dizer que ele se encontra ocupado, para chegar à sala de Sarney, ampla, como convém a um senador da República, cheia de fotos nas paredes. Sarney ao lado de Octavio Paz, Gabriel García Márquez, a filha, a esposa. Na ante-sala, sofás pretos e sóbrios, ladeados por duas molduras. Numa delas, irmã Dulce. Na outra, caricatura de Sarney feita por Pedrini.

Não é ali que ele escreve os livros — dois dos quais lança hoje, na biblioteca do Senado —, mas certamente é onde, em meio à circulação de tanta gente, que pode pensar na solidão, tema de boa parte dos poemas. "Acho que a poesia é um gesto solitário", diz o autor de *Saudades Mortas*, escrito na biblioteca pessoal de casa, à noite, ou bem

cedo, antes de encarar afazeres políticos. "O poeta tem um pouco do latifúndio da sua solidão, porque ela é imensa. É o lugar dentro de nós mesmos. Nesse lugar é que habita a poesia."

A mudança de gênero é natural para o maranhense de Pinheiro, ex-presidente da República, ex-presidente do Congresso Nacional. De modo que as crônicas de *Canto de Página*, coletânea dos textos que publica às sextas-feiras na *Folha de S. Paulo*, são resultado da disposição de Sarney de olhar para o momento presente. O subtítulo reforça: *Notas de um Brasileiro Atento*.

Brasileiro que virou presidente por força das circunstâncias. Preferia, sempre preferiu, ser literato. "A literatura é a grande vocação, é anterior à política. A vocação é mais forte que o destino." Começou com incentivo do avô que era professor primário e colecionava um caderninho periódico chamado *Enciclopédia Popular*, com vários assuntos em pauta. Depois, aos 7 anos, Sarney esticou a mão para um volume na prateleira. Era Casimiro de Abreu. Começava então a paixão pela palavra poética.

Ricardo Borba



JOSÉ SARNEY NO GABINETE DO SENADO: O ROMANCE PERDE TERRENO QUANDO PASSA A SER OBRA DE PRODUÇÃO COLETIVA

"O POETA TEM UM POUCO DO LATIFÚNDIO DA SUA SOLIDÃO, PORQUE ELA É IMENSA. É O LUGAR DENTRO DE NÓS MESMOS. NESSE LUGAR É QUE HABITA A POESIA"

JOSÉ SARNEY

DO JORNALISMO À POLÍTICA

Depois foi o jornalismo. Aos 16 anos, fez concurso de reportagem para jornal maranhense *O Imparcial*. "Assis Chateaubriand dizia que a única pessoa que entrou para os Diários Associados por concurso fui eu." O jornal foi quem o conduziu à política. Mas também fixou as bases para o texto de criação ficcional. "Acho que também no jornalismo se pode fazer literatura. Os grandes textos jornalísticos são grandes textos literários. O Castelinho (Carlos Castelo Branco, colunista do *Jornal do Brasil*) fazia coluna diária com textos de alta qualidade." Aprendeu a importância da disciplina. Dorme pouco para, durante a noite na

biblioteca ou de manhã bem cedo, poder escrever. Sarney também é autor de *Os Maribondos de Fogo*, *Norte das Águas*, *Saraminda*, *O Dono do Mar*, *Sexta-feira*, *Folha* e *A Onda Liberal na Hora da Verdade*, os dois últimos coletâneas de crônicas.

Quando entrou para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1980, cumpriu o sonho, portanto. "Quem nasceu no Maranhão não pensa em ser presidente da República, mas pensa em entrar para a Academia. As parteras, quando o menino chora, dizem: 'Academia, Academia'. Temos grande participação de maranhenses na Academia."

Embora não se considere bom poeta, Sarney tem opinião sobre

SEVIÇO



CANTO DE PÁGINA — NOTAS DE UM BRASILEIRO ATENTO



SAUDADES MORTAS

Livros do escritor e senador José Sarney. Editora Arx, 240 páginas e 152 páginas, respectivamente. Preços: R\$ 29,00 e R\$ 22,00. Lançamento hoje, às 19h, na biblioteca do Senado Federal (Anexo II, térreo)

o ofício. "Poesia é a arte de ver. A vocação de transfigurar as palavras é a arte da poesia. Você pega o gosto da palavra, emoções, momentos, instantes. O poeta procura transformar o mundo. Na poesia, a palavra não é a palavra, é uma coisa transcendente." Tanto que, acredita o senador, é a poesia que vai salvar a literatura. O romance está em crise, avalia Sarney, o gênero perde terreno à medida que deixa de ser produzido individualmente para "ser uma obra de produção coletiva", geralmente encomendada por um editor ávido de lucros. A poesia "não precisa de um mercado, ninguém lê. Não há mercado para consumir poesia". Ela está, portanto, a salvo.